

O paradoxo do *Fast Fashion*: impactos sociais e trabalhistas da moda.

Cristiane Kerches da Silva Leite⁴, Cintia Sayumi Ii⁵, Hugo Ventura Moreira⁶, Marcos Yutoh Mori⁷, Mayra dos Santos Silva⁸, Pamela Cristina Sansalone Pereira⁹, Rafaella Oliveira Xavier¹⁰, Samuel Lisboa Martins¹¹, Yago de Lima Silveira¹²

Na sociedade contemporânea, a moda vai além do simples ato de se vestir, servindo como forma de expressão de valores culturais e socioeconômicos. Um dos aspectos mais marcantes da moda atual é a velocidade com que as tendências se transformam. O que é considerado “da moda” hoje, pode facilmente tornar-se obsoleto amanhã. Essa mudança de tendências é impulsionada por diversos fatores, como avanços tecnológicos, globalização (MacLuhan e a Bzezinski, 1980) e a influência das redes sociais (Lipovetsky, 1987)

No final dos anos 1980, o jornal The New York Times cunhou o termo "Fast Fashion" (Carvalho et al. 2023). A “moda rápida” é um modelo de negócio que se destaca pela produção rápida e em grande escala de roupas e acessórios, a preços baixos, utilizando

⁴ Docente de graduação do curso de Gestão de Políticas Públicas e da pós-graduação do PROMUSP.

⁵ Discente da Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP.

⁶ Discente da Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP.

⁷ Discente da Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP.

⁸ Discente da Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP.

⁹ Discente da Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP.

¹⁰ Discente da Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP.

¹¹ Discente da Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP.

¹² Discente da Escola de Artes Ciências e Humanidades-USP.

da exploração do trabalho nos marcos do século XIX. Essas peças são fabricadas em ambientes de trabalho intensivos e com materiais de qualidade baixa. Seu propósito principal é oferecer produtos da moda a preços acessíveis, responder às demandas do mercado e manter um fluxo constante de novidades, as quais incentivam a compra pelos consumidores com frequência para acompanhar as tendências lançadas.

No entanto, o fast fashion tem sido alvo de críticas devido aos seus impactos negativos no meio ambiente e na sociedade, como o desperdício de recursos, a poluição, a elitização e as condições precárias de trabalho, que podem ser entendidas como “externalidades negativas”. Dessa forma, enquanto aumenta o acesso às tendências da moda com produtos acessíveis e rotatividade rápida, também alimenta uma “cultura de ostentação” (Veblen, 1899), em que a posse das peças se torna símbolo de status, homogeneizando o estilo pessoal e perpetuando a ideia de que a moda é exclusiva para quem pode acompanhar as tendências. Assim, o fast fashion cria ambiente complexo de aspirações, desigualdades e exploração na indústria da moda contemporânea.

No aspecto trabalhista, um dos pilares desse modelo é a exploração da mão de obra barata, especialmente em países em desenvolvimento. Disparidades socioeconômicas entre os trabalhadores dessas regiões são reforçadas, em condições de trabalho precárias, enquanto consumidores de maior poder aquisitivo se beneficiam dos preços acessíveis das roupas produzidas - “benefícios privados, vícios públicos” -, invertendo a máxima de Bernard Mandeville, no poema “A Fábula das Abelhas: Vícios Privados, Benefícios Públicos” (Gala, 2023).

Assim, o objetivo deste texto é problematizar o fenômeno fast fashion, trazendo essa agenda para o campo das políticas públicas a partir de perspectiva interdisciplinar. Dessa forma, nesse trabalho faremos recorte histórico se estendendo até os dias atuais, abordando diversos conceitos, como a classe ociosa de Veblen, suas ideias acerca do capitalismo e a elitização da moda. A metodologia se baseia em pesquisa de dados qualitativos e quantitativos, de forma exploratória, com foco na literatura histórica e sociológica da moda e da indústria têxtil e materiais de divulgação científica da Universidade de São Paulo. Esse texto é o resultado do trabalho de um grupo na disciplina ACH 0041 Resolução de Problemas, do Ciclo Básico da EACH, em 2024, sob a orientação da profa. Cristiane Kerches da Silva Leite.

O setor têxtil é um ramo que sofreu diversas alterações ao longo do tempo. No fim do século XVIII, a Grã-Bretanha detinha a liderança dos meios de produção por conta de seu grande avanço durante a Primeira Revolução Industrial (Hobsbawm, 1962). Antes do surgimento das máquinas a vapor, as mercadorias e roupas eram feitas por artesãos, tendo um preço mais alto, devido à melhor qualidade dos produtos. Contudo, com o surgimento das indústrias com produção mecanizada, sobretudo no mundo eurocêntrico, a velocidade e escopo produtivo passou a ser definido pela máquina, às custas da energia humana empregada no processo.

Em decorrência, os custos da produção caíram em contexto de trabalho mal pago, utilização de matérias primas mais baratas e intensificação da velocidade de produção, permitindo aumento da oferta de roupas manufaturadas. Entretanto, as classes mais abastadas, também chamadas de “classe ociosa” por Veblen, ostentavam suas vestimentas artesanais, de melhor qualidade e acabamento, continuando a ditar as tendências da

moda. Assim, configurou-se um paradoxo: aumentou o acesso às roupas, mas intensificou o processo de distinção social por meio da moda - os mais pobres consumiam roupas manufaturadas de pior qualidade e os mais ricos, roupas feitas sob medida, nos marcos da Alta Costura (Oliveira, 2009), sobretudo a partir do século XIX.

Esse mecanismo de distinção social permanece durante os séculos XVIII e XIX, adentrando o século XX, com mudanças dignas de nota. Durante a década de 1950 o Prêt-à-porter (Weil, 1948, apud Avelar 2011; p. 61) passou a produzir industrialmente roupas em série, de boa qualidade e assinadas por estilistas da moda. Em 1980, com a consolidação do Prêt-à-porter, essa força tornou-se dominante na moda massificando a produção das grifes e ampliando o acesso às tendências.

Entretanto, essa nova forma de produção impacta negativamente no meio ambiente, por conta da produção de resíduos que atingem sobretudo territórios com legislações ambiental e trabalhista frágeis. Dessa forma, se intensifica uma das maiores questões que perduram até hoje no capitalismo e se reflete na indústria têxtil: a exploração da mão de obra nesses meios de produção, envolvendo países do eixo norte e sul da DIT - Divisão Internacional do Trabalho (Brandt, 1980).

A DIT é um fenômeno que ocorre desde as Grandes Navegações. Nos anos 1970 se intensifica esse fenômeno com a consolidação do capitalismo financeiro desregulamentado (Harvey, 2016) e das telecomunicações, havendo grande expansão de empresas transnacionais. A sede ficava nos países desenvolvidos, enquanto instalavam suas cadeias produtivas nos países em desenvolvimento, à procura de matérias primas, mão de obra barata, mercado consumidor e menor carga tributária. A busca por maior produtividade, redução de custos e aumento dos lucros

passou a produzir, em larga escala, externalidades negativas ambientais e trabalhistas, ao ponto de incorporar na dinâmica produtiva situações análogas à escravidão. Assim, o fast fashion produz impactos ambíguos na sociedade global, perpassando fronteiras: democratiza a moda, mas, ao mesmo tempo, explora seus trabalhadores (sobretudo as mulheres).

Caso exemplar de exploração do trabalho ocorreu no estado de São Paulo, em 2017, nas oficinas das empresas Animale e A.Brand. A equipe de Superintendência Regional do Trabalho e Emprego de São Paulo investigou o uso de mão de obra análoga à escravidão realizada por imigrantes bolivianos. Trabalhavam doze horas diariamente em condições insalubres, residindo no mesmo local. Além das condições precárias e exaustivas, não recebiam salário mensal e ganhavam em média cinco reais por peça produzida (Repórter Brasil, 2012). Sabe-se que não é um caso isolado, mas sintomático do perfil de um país em que a indústria faturou cerca de 193 bilhões de reais em 2022 (ABIT, 2024), imerso na lógica do capitalismo de exploração, em pleno século XXI.

Frente à degradação das condições de trabalho e do meio ambiente, diversas formas de resistência surgiram, como o slow fashion (Murriss, 2004). Essa forma de produção valoriza a produção local, a sustentabilidade, a qualidade e a longevidade das peças, o que gera menor padronização de roupas e melhor qualidade de trabalho. Além disso, a existência de sistemas de comércio de roupas usadas, como brechós, também atua como alternativa para amenizar as externalidades negativas do fast fashion na perspectiva do consumo consciente.

Apesar do fast fashion ter ampliado o acesso à moda, por conta da intensificação da produção tecnológica e da DIT nos

marcos do Prêt-à-porter, também provocou inúmeros problemas discutidos neste texto, como a perene exploração da mão de obra na indústria têxtil e continuidade de processos de distinção social, fomentando os marcadores sociais presente na moda desde sua origem. Há ainda grande debate sobre as externalidades negativas ambientais, que não discutimos, mas que merecem atenção. Dessa forma, nota-se que a moda não é apenas sobre “roupas que vestem corpos”, mas abrange várias dimensões que refletem a complexidade do mundo contemporâneo.

Referências

ABIT. Perfil do setor. ABIT, 2024. Disponível em: <https://www.abit.org.br/cont/perfil-do-setor> . Acesso em: 22 mai. 2024.

AVELAR, Suzana. Moda: Globalização e Novas Tecnologias. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2011.

GALA, Paulo. Os vícios privados promovem benefícios públicos? Disponível em: <https://www.paulogala.com.br/os-vicios-privados-promovem-beneficios-publicos/#:~:text=Mandeville%20critica%20aqueles%20que%20condenam,do%20sistema%20econ%C3%B4mico%20e%20social>.

GUIMARÃES, M. P. RIBEIRO, Rita. Os processos de identificação social na moda: do luxo ao fast fashion. Diálogo com a economia criativa, ESPM, v. 8 n.22 (2023): Dossiê moda e economia criativa, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22398/>

HARVEY, David. Seventeen contradictions and the end of capitalism. São Paulo, Boitempo, 2017.

OLIVEIRA, Jorge Marcelo. Grandes nomes da moda: Charles Frederic-Worth. MONDO MODA, 2009. disponível em: <https://mondomoda.com.br/2009/12/21/nomes-da-moda-charles-frederic-worth/>. Acesso em: 2 jun. 2024

HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções: Europa 1789-1848. 1917. 1ª edição. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1962.

HOFFMAN, Sarah. Há cem anos nascia o europeu e cosmopolita Willy Brandt. DEUTSCHE WELLE, 2013. disponível em:

<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-cem-anos-nascia-o-europeu-e-cosmopolita-willy-brandt/> Acesso em: 2 de jun 2024

LEGNAIOLI, Stella. O que é slow fashion e por que adotar essa moda? - eCycle. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/slow-fashion/>.

MARQUES, Luiz. Capitalismo e Colapso Ambiental. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

MUNHOZ, J.P. Um ensaio sobre o fast fashion e o contemporâneo. 2012. 55p. Monografia (Especialização em Estética e Gestão de Moda) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

REPÓRTER BRASIL. As marcas da moda flagradas com trabalho escravo. Repórter Brasil, 12 jul. 2012. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2012/07/especial-flagrantes-de-trabalho-escravo-na-industria-textil-no-brasil/>. Acesso em: 29 mai. 2024.

VEBLEN, Thorstein. A Teoria da Classe Ociosa. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia. Ltda, 1965 [1899].